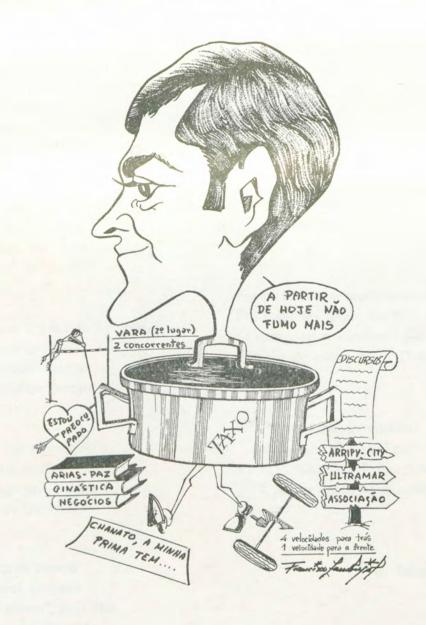
DOS PUPILOS DO EXÉRCITO



- 25 Ramiro Luís Domingues
- 57 Olivério Martins Teixeira
- 85 Elmano Gurita Ferreira Dória
- 104 Fausto Manuel Nicolau Casanova de Matos
- 111 José Pereira da Palma
- 112 João José Madeira da Silva
- 116 Alfredo Barreto Rosa
- 117 Cláudio José Barradas Barroso
- 123 António Amílcar Mourato Marmeleiro
- 125 João Carlos Bicho Pardal
- 130 Victor Manuel Monteiro Job
- 131 António José Borralho Estevéns
- 133 António Jorge Paterna Dias
- 140 Joaquim Armando Correia Teixeira
- 187 Luís António Duarte Gonçalves
- 189 José António Jorge Baptista
- 191 Fernando Manuel Mendes Esperto
- 196 João Maria Fazenda da Silva
- 311 Manuel José do Espírito Santo Ferrão
- 333 Manuel Augusto Florêncio
- 343 Luís Manuel da Silva Veiga
- 365 Manuel da Silva Mendes
- 378 António Manuel Araújo dos Santos

Alfredo Barreto Rosa

C. T. V. A.



O seu queixo é afiado Anda sempre a sorrir Natural do Arripiado E este ano vai saír

Entrou ele aos dez anos Mais oito cá passou Depois de muito marrar Por mecânico ficou

Somos colegas de curso Não devo de ti dizer mal Mas desculpa, vou dizer És o "tacho" da Especial

Para salvar a "Honra ao Convento" Foste o único graduado Pois dos quatro foste tu Sempre o melhor comportado

Apesar de impossibilitado E de muletas andar Mesmo assim não disse, não Á viagem ao Ultramar

Por ser o mais boneco Foi fazer uma alocução Nunca vi "gomes" mais belo Lindo como um pimentão Coxinho e enrascado Por entre confusões tamanhas Levou dois pares de luvas As brancas e as castanhas

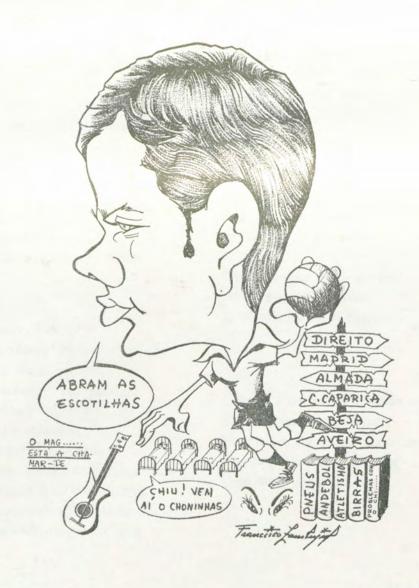
> Atletismo sem sucessos Na ginástica uma tara Por pouco não conseguiu Ser campeão de salto à vara

> > Foi p'rás provas sem preparação Pôs o carro à frente dos bois Lá conseguiu o segundo lugar Número de atletas . . . Dois!

> > > Pronto Rosa, terminámos Nada mais há p'ra dizer O C. Sousa e o Palma te abraçam E jamais te hão-de esquecer

> > > > C. Sousa e Palma

António Amílcar Mourato Marmeleiro



No rol dos Finalistas
Agora o Micas entrou
E dando um pouco nas vistas
Ele, nos estudos singrou.

Rapaz pacato e bem disposto Com um bom fundo de acção Foi subindo no seu posto Até Comandante de Batalhão.

Abram as escotilhas, Grita ele impaciente. Apaguem a televisão: Esse filme não é p'ra gente!

Um atleta famoso
Nos estádios "Pilónicos"
Corria muito garboso,
Em arranques supersónicos,
Velocidade dilacerada.
Gritos e aplausos,
Por fim, meta cortada.
Elogios, honras, cumprimentos.
Ao Lisboa-Madrid se dirigiu.
Internacionalização, afastamento;
Nunca mais ninguém o viu!

Bicampeão no Andebol Mais um facto no seu rol. Mas mudou de etiqueta: Passou a jogar Futebol. Farras tem ele muitas São tantas para narrar Dessas eu algumas conto Outras não posso contar.

Uma noite nas marchinhas
Muito alegre se sentiu
E a um polícia que passava
Muito rápido se dirigiu
Olhe,
Disse ele com muito acerto
Apresse-se, se faz favor,
E vá-me chamar o Esperto.

Chegou a hora da despedida

E, com grande sinceridade,

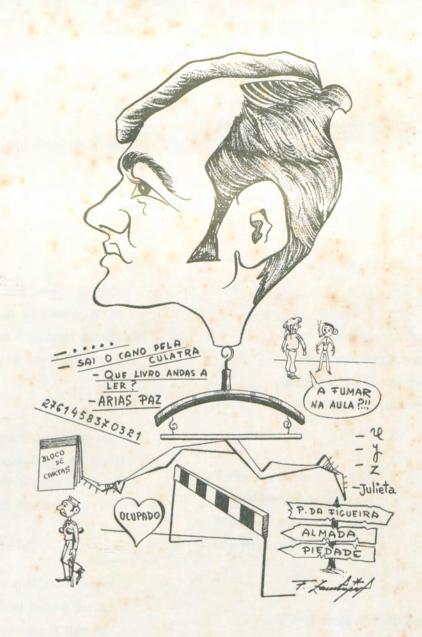
Recebe um abraço da malta amiga

Que te deseja uma fácil vida

Com votos de felicidade

MATOS

António José Borralho Estevéns c. t. v. a.



As más línguas dizem sempre, Oh! Este é alentejano. Mas eu posso afirmar que és um tipo bacano.

E' alto como uma torre

Mal feito que nem uma vide

A malta não lhe perdoou

E, ficou sendo o cabide.

Escuta, amigo Estevéns Nem sei bem como és Mas é incrível um cabide, Partir um vidro c'os pés

A paixão pela miúda E' mui digna de se ver, Pois quando saía de casa Para ela ia a escrever

Esse maldito cigarro

Deitou tudo a perder

Graduado já não foi

Nada mais houve a fazer

Os bailes da Associação, Não costuma frequentar. A única vez que lá foi, Não dançou, jogou bilhar

> Esta que aqui vou contar Dela a ninguém ele falou. Mas a altas horas da noite Pela Julieta chamou.

P'ró desporto é indicado Dada a altura que tem Mas em minha opinião Só o basquete convém

Triste é a despedida A qualquer custa a fazer Mas mais dia menos dia Isto teria de acontecer

Pereira da Palma e F. da Silva

António Jorge Paterna Dias

C. M. C.



Subo ao palco, para cantar as memórias dum mosqueteiro reformado: Sorrisos, risos, gargalhadas, Ideias com números pelo meio, confusão de pensamentos. diversidade de gostos, sonhos, intentos, manias de ser carro eléctrico e radar. expressam-se numa boca que não se mexe: POLÍCIA! Calções azuis, camisola branca, ioelhos bonitos que se exibem em provas de estrada e fogem do poço das ilusões, lutando por uma meta que não alcançam. Mas lutam! Refractário?! Amante das invocações a Baco, das homenagens a Porthus Ah!... Diz-me lá ó cantador Psiquiatra que erraste o diagnóstico! V... e A. M. ... que querieis colher rosas num campo onde não as há! E eu? Que apesar de tudo. Na hora da partida, sorrio, como quem te fica a recordar e grita à felicidade que te acompanhe!

António Manuel Araújo dos Santos c. m. e. m.



Do Algarve natural
Vieste para Lisboa estudar
No Pilão tiras o curso
E em Évora te vais casar.

Foste apelidado de Cabo-Gil, E com bastante razão, Pois tens sempre O R.D.M. na mão.

Praticaste dois anos basquete Por engano dois jogos ganhaste Intermitente foste na Especial Mas "vara" só uma vez saltaste.

Obstáculos, corpo a corpo, tiro Esquemas para que alinhaste Só gostava de saber: Quantas medalhas ganhaste?

Cem por cento militar
Frequentas um restrito meio
Mas como Pilão que te prezas
Estás sempre à espera do correio.

Chega a hora da partida Não sei o que te hei-de dizer Inicias uma nova vida Sorte para o que vais fazer.

Espetado um esquema no quadro Algo mesmo só visto Levantavas-te lá do fundo E gritavas: "Não acredito nisto".

COSTA

Cláudio José Barradas Barroso



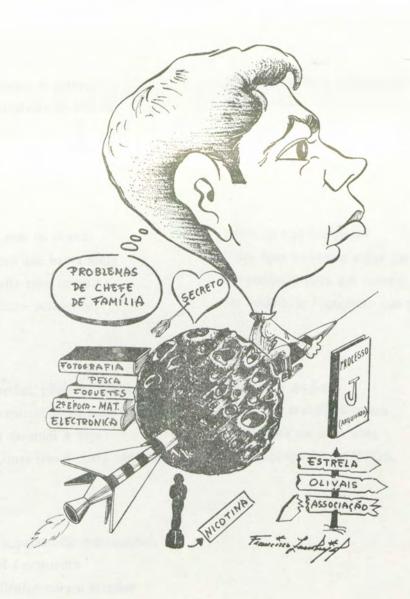
—Divina luz que alumiais Mui válido pensador Complexa máquina de ideis estranhas Funcionando em prol da paz.

—Defensor da bondade infinita
Acérrimo inimigo da burguesia
Grande apreciador das sestas suculentas
Ai! Para quê trabalhar!
Pinga-amor por excelência
Papel não haveria
Para contar quão longas histórias
Dunas desmoronáveis à primeira rabanada.

Amigo e correlegionário de um tal Vieira
 Ginasta de cunho invejável
 Carreira que o vento levou
 Após longa viagem
 Onde não faltaram dias de glória.

Qualidades não te faltam
 O caminho é sinuoso e espinhoso
 O mundo prestes está a receber-te
 Sê prudente e cauteloso
 Vencerás!

Elmano Gurita Ferreira Dória



E' tarefa bem difícil

Contar a tua história

Prometo que vou tentar

Se não me falhar a memória.

Três anos tu foste Comandante de Pelotão Bagaço te mandaram beber Por não teres um vozeirão. Mas não foi só à Electrónica

Pois também à Zoologia te dedicaste

E pelo teu grande amor às ciências

Pássaros ao Abstracto compraste.

Para casa tu voavas Sempre que havia saída A malta sabe como é; Ias fazer pela vida. Além do Prémio Nobel
Pelos teus trabalhos sobre pardais
Proponho-te para um prémio
Da Sociedade Protectora dos Animais

Foguetões, pássaros, electrónica...

São especialidades tuas, Dória

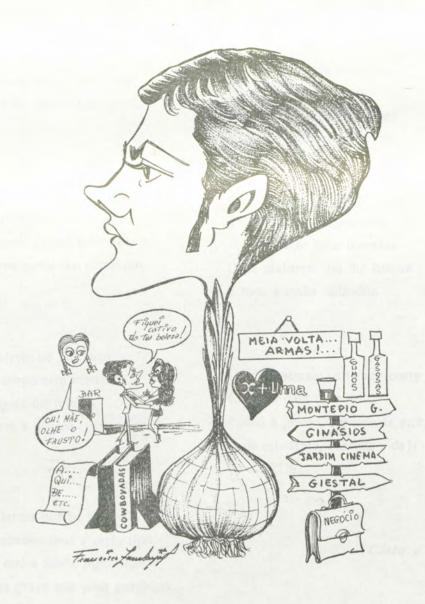
Além do amor à vela

Bom, mas isso é outra história...

Chegámos ao fim
Depois de trabalhos tantos
Felicidades na nova vida
E um abraço do SANTOS.

Com a paixão da Astronáutica
Um A·l construiu
Os cálculos sairam errados
E o foguete não subiu.

Fausto Manuel Nicolau Casanova de Matos c. g. c.



Oh! tu... Matinhos
Vieste do "Chabugal"
E pouco tempo decorrido
Logo és célebre Camachal.

Nos teus amores Casanova Não falou teu coração Mas mesmo que os tivesses Não nos causava admiração.

Por "Caneca de Cerveja"
Foste também conhecido
E outros nomes juntaste
Ao teu nome tão comprido.

Teu coração conquistador

A Associação bem o sentiu

Doze mulheres um dia levaste

E toda a malta aplaudiu.

Rebolaste no Ultramar
Teu corpo sem marreca
Venceste no futebol
Depois a piscina... e a "eca".

Os dias passam, o tempo corre
Chega a data da partida
Pouco a pouco, lentamente morre
A de estudante, Farrista vida!...
ADEUS...

Das farras que tu fizeste

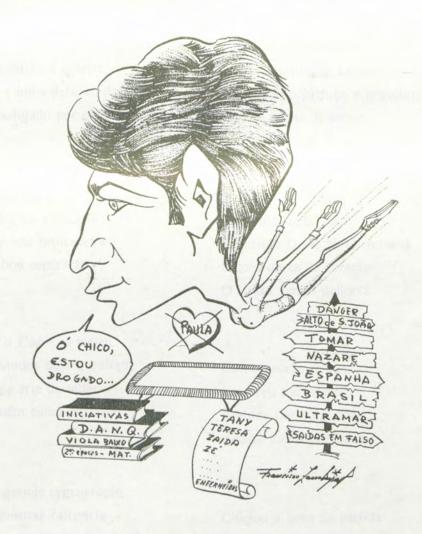
Destacou-se uma a certo tipo

Que mal a soube logo disse

E' tão grave que nem participo.

Costa e Reis

Fernando Manuel Mendes Esperto



Veio de Tomar lançado De calções e de sacola Para entrar no Pilão E na seita do Carola.

Na ginástica dá que falar, Isso tem ele mostrado bem Mas Brasil, Espanha e Ultramar Já o verificaram também.

Farrista de tal craveira,
Deixa muito a desejar
Com a folha debaixo da carteira
Foi castigado por cabular.

Um conjunto quis formar Com todo o carinho e orgulho Com a mania de tocar Só fazia era barulho.

Embora ele o não fizesse Simples foi a reacção! E por esta brincadeira Apanhou separação.

P'ró Alto de S. João Comando D. A. N. Q. actuava E com dores de coração O nosso amigo delirava.

Com o *Chico* se meteu Em estudos de arqueologia Mas na arte de saltar... Ninguém como ele fazia.

Como casado se sentia Resolveu tomar juízo E ainda por cima dizia Aquilo só dá prejuízo.

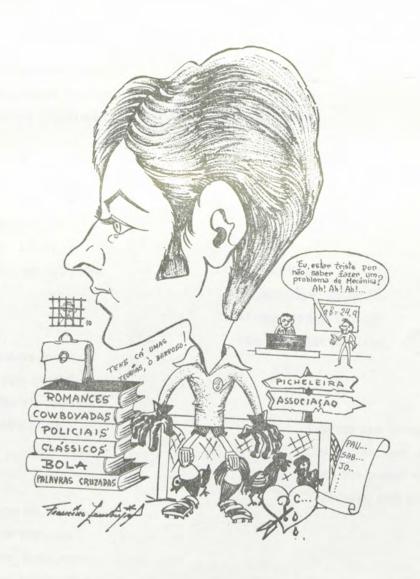
Teve grande regeneração
P'ra mostrar categoria
E de comandante de pelotão
Foi comandante de Companhia.

Chegou a hora da partida Não chores, não tenhas dó. Recebe um abraço da malta querida E do amigo *Nhónhó*.

Atleta bem formado Quase tudo representou Hóquei, andebol, futebol, Tudo isto ele jogou.

210 - MATOS

Joaquim Armando Correia Teixeira



Do Porto natural

Mais um maquinista formado

Que como alcunha recebeu

O Geométrico Quadrado.

A' baliza ele jogava Mas que grande sensação No futebol, *um frango* No andebol, um campeão.

De café gostava muito E bebia-o sem quartel A sua «bica» ele tomava In the Cook's Hotel.

Longas horas ele levava Retocando o penteado Mas, coitado, tinha azar, Muitas vezes foi rapado. O seu amor ao futebol A' separação o levou Na piscina foi caçado E mais três dias apanhou.

Paixões?!!!...

Há tanto que contar...

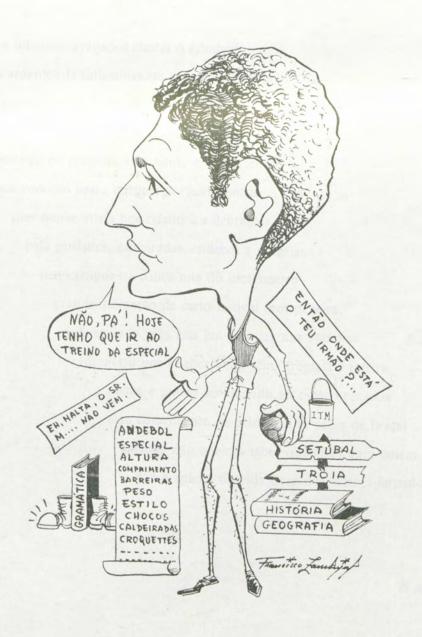
Muitas choram por ele,

Mas é melhor não falar.

E agora que vamos partir Despeço-me com amizade Para que possas saír Tranquilo, mas com saudade.

SANTOS

João Carlos Bicho Pardal



Em claustros húmidos apagados chorai o estudante nos ferros ardentes da sulfamidas em trejeito não cansado longas semanas te levariam deusa razão vida na indiferença das folhas, nos livros do passado pensando no presente e tentando engrandecê-lo em rodopio nessa imagem noite alta sofria mas houve atleta nos refeitórios delirantes pela ginástica, caldeiradas, andebol e sangrias sem castigos na dança una do oscilómetro grande animação de certo festival sem peneira influenciado pela Lua em guaritas nas volúpias insensato nos banhos em piscina tropical e rafeira a pouco e pouco acomodado ao espaço renascia esse comandante de pelotão e às vezes de braçal amanhã não queiras saber quantos foram ontem voa e aplana na vida livre dos arames farpados Pardal.

João José Madeira da Silva

C. T. V. A.



De cabelo encaracolado Só pode ser o *Chanato* E' talvez dos finalistas O que é máis caricato.

> No amor não tens segredos E nisso dou-te razão Mas gostava de saber De quem é o medalhão.

> > No capítulo do Desporto Desnecessário é falar Pois atletas como ele E' difícil encontrar.

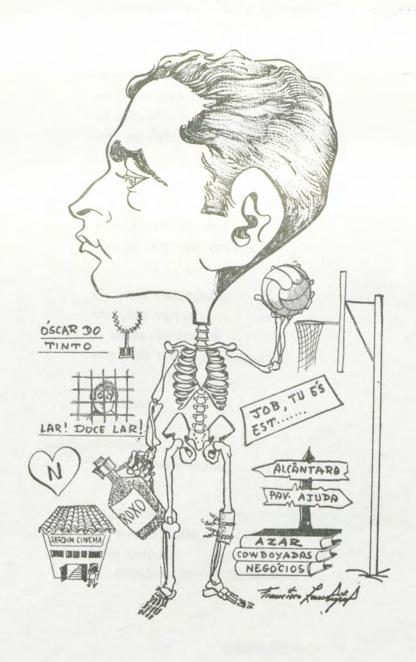
> > > A barba muito cerrada Muito pouco maleável Para a fazer é preciso Super-Silver-Interminável

> > > > Falando do vinho dizias:
> > > > «Eu a fama, vós o proveito»
> > > > Chanato! Posso dizer-te?
> > > > — Mentir é grande defeito!

Acho que o que disse chegou Pois em críticas não sou perito Recebe p'ra despedida Um abraço do *Moskito*.

João Maria Fazenda da Silva

C. T. E.



As altas serras cobertas de neve o frio glacial dominado de pensares as escarpas entrecortadas de flores e tu no meio [sorrindo]

A atmosfera poluida os gritos clamantes de vingança as brincadeiras inocentes e estúpidas e tu no meio [pensando].

O teu amigo, Cupido encaixado num cesto de basquete e um árbitro irritante que te olha e tu no meio [brincando].

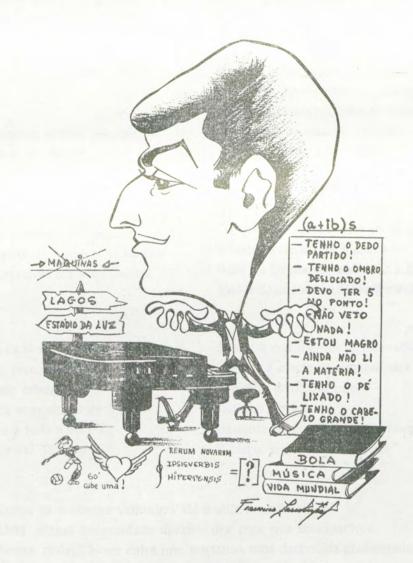
Os ossos desconjuntados os bolsos vazios as saídas consumidas e tu já na ponta [recordando].

As festas os bailes os xaropes tudo está [terminando].

Daqui, ainda no meio da ilusão é um amigo que felicidades te está [desejando].

GUERREIRO

José António Jorge Baptista



Num dia ao alvorecer Bem no seio do Alentejo Quando o silêncio imperava E nada o parecia violar Nasceu o «esgroviado» do Zé Já com pretensões ao solfejo

Toda aquela imensa planície Num inferno se tornou; Manadas de rebanhos tremalhados Mansos cavalos aos pinotes Aves e crianças atordoadas Velhas e velhos de bengala Alguns até de «pernas às costas» Refugiavam-se em seus casotes

Aí estava o «diabólico» na rua Com o piano à cabeça. De olhar esbugalhado, Com os seus dedos de ferro Percorria toda a escala Em incrível dedilhar Para pasmo da malta Depois de todo aquele vendaval Ainda o pobre «saco de música» Não estava escangalhado

Nas festejadas tardes de Sábado Quando a turma ansiava a saída Rocambolesca orquestra se formava Tendo por maestro o «pianista» Homem morto seria o estranho Que no turbilhão se misturasse

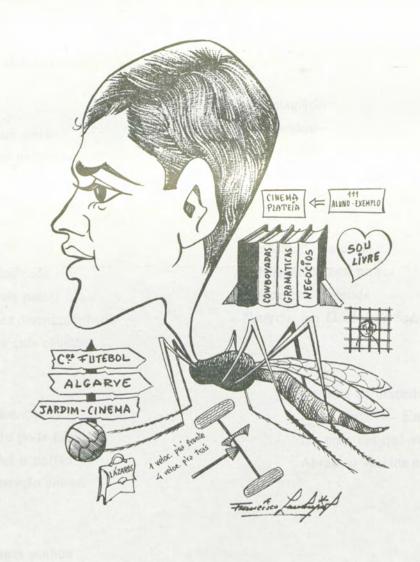
Os «loucos» estavam em pé de guerra Saturados de tantas músicas: Bébé na batuta, Salsichinha à bateria Yabardo no baixo e Papador vocalista

Mares e continentes desbravados Devído à classe da «macacada» Príncipe no «ping-pong» Jeitinho no futebol Bastante informal na gastronomia E claro, o «Rei da feijoada»

Desde os claustros velhinhos até à aula mais tenebrosa
Uma intensa fraternidade durante dez anos nos acompanhou
Nunca poderá haver entre nós, portanto, uma despedida prolongada
Pois na plateia das alegrias e no palco das dificuldades
Seremos eternamente companheiros.
Agradece-te com um abraço, toda esta amizade que porfiaste
em manter.

José Pereira da Palma

C. T. V. A.



De Timor se deslocou Como passageiro foi um ás Conheceu terras distantes E, ofereceu um ananás.

Cedo deu nas vistas

Pois logo foi castigado

Por se encontrar nas pistas

E na relva estar sentado.

Estudante dedicado
Por tudo quis passar
P'los *lázaros* desencaminhado
Até um ano quis chumbar.

Futebol é doença Sem que não pode passar Um muro foi o portão P'ra na separação entrar.

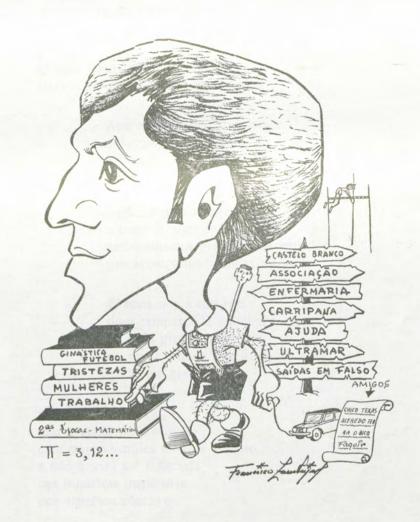
Com máquinas sonhou Era o curso desejado De Mecânica não passou Este estudante falhado. Em B. P. foi estagiário Quinze dias lá andou Por não ser bom bebedor Só um «copito» chegou.

> Apaixonado da música A harmónica está no rol Sua canção preferida Natércia, em *Óculos de Sol*.

> > Na hora da despedida Podes gritar — Eureka! E's mais um que vais sair Abraça o «cabide careca».

> > > Estevéns

Luís António Duarte Gonçalves



Escolhi um espelho plano
para projectar uma imagem
ferrugenta e deformada
por concavidades polidas
com sadismo, maldade
ou quem sabe,
se com a lei do menor esforço
ou com o instinto superior de pessoas cegas.

E' uma imagem nunca vista através de quadradinhos de sombra.

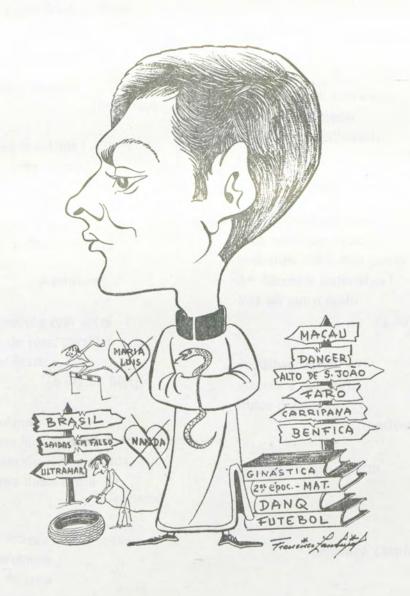
Apareceu primeiro ao longe e dançava hilariante fustigado por ventanias «pielónicas» que traziam meras «farras académicas» e um suave cheiro da «Seita Carola». Agora é uma imagem triste, a inspirar algo de genial escondido nos gestos desarticulados que acompanham «boas piadas»

E' mais que a imagem dum campeão de voleibol ou dum ginasta especial ou duma pessoa que gosta de remédios e não foi graduado.

E' difícil de admirar, mas é verde de juventude; com traços simples e feitos a medo, e não é para ser reflectida nas injustiças inspiradas por espelhos côncavos.

E' uma imagem que corre satisfeita por sair do terreno descampado e entrar num arvoredo onde possa procurar uma fonte para beber e então todos verão que é direita!

Luís Manuel da Silva Veiga



Bandeira!
Que te aqueces
com o passo firme, a claque,

[a chama]

dos nossos desfiles

[nos braços]

de quem te ostenta!
Braços de «menino»

[finalista]

de bondade angélica, passado recheado de vapores

[femininos]

Caleidoscópio com cores verdes, de rosa, garridas, que justificaste

[o dia de hoje]

desenrolando
projectos futuros, sonhos
com lutas de capa e espada,
em honra duma causa

[racional]

que se escreve com 4 letras Ideia, promessa, castelo de areia erguido com a vontade

[férrea]

de criança vivendo para ser comando!

[D. A. N. Q.]

Kilos de papel ruminados, pestanas queimadas, «Hobbies prejudicados»

[em férias]

desnecessàriamente.

3 «birras», desilusões, nada mais que lições, traduzidas em outras tantas 2.ªª épocas a matemática! Mas no outro prato

[da balança]

medalhas, títulos, viagens e aplausos, frutos dum amor

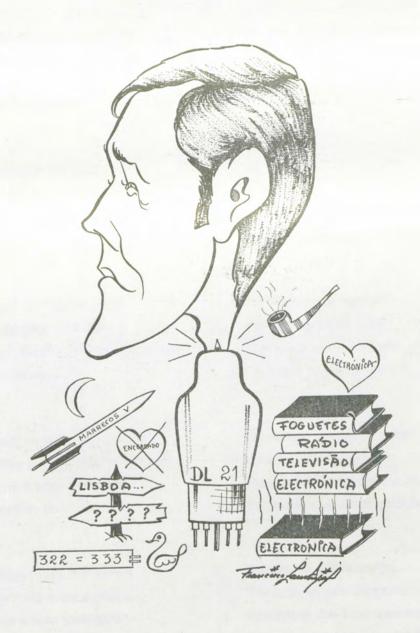
[constante]

por tudo o que é Pilão.

Ramiro Domingues

Manuel Augusto Florêncio

C. T. E.



E lá dos confins do mundo Disparado num foguetão Chegou mais um que veio Frequentar o Pilão.

Nos «suaves» era espectacular

Nas suas aulas de Desportos

Foi guarda-redes titular.

Da sua vida atribulada Muito há que contar E logo no dia que entrou De número resolveu mudar. Do Convento de Mafra Não tem boas recordações Pois preferiu visitar O Emissor de Pegões.

Amante dos jogos «violentos»

E como não foi excepção

Alcunha tinha que ter

Porque lhe chamaram «Marreco»

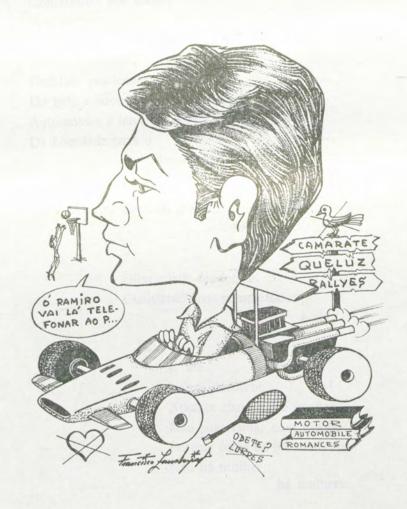
Nem é preciso dizer.

Em técnico de foguetões Ele se quis especializar Mas ainda estou à espera De ver o engenho voar.

Bastante brusco este senhor Caminha a velocidade supersónica Chegou e formou-se logo Em técnico de electrónica. Quanto ao capítulo fatidico
Pouco tenho que contar
Pois os seus segredos de amor
Ele sempre os soube guardar.

Em línguas era um horror E a isso ele tinha aversão Achava muito mais giro Estudar rádio e televisão. E como eu velho amigo Também tu, sais Sargento Recorda-te dos bons momentos Pois os maus leva-os o tempo.

Manuel José do Espírito Santo Ferrão c. m. c.



Hipotético ser catastrófico Por quirópteros sugado. Podia ser de Máquinas. Contabilista por acaso? Mas venceu Pseudo «socialista» ínédito. Eufórico amante Decidido praticante Do belo e snob Automóveis e ténis. Da liberdade para o

áscoro.

Gestos bruscos, gritos

histéricos

Hilariedade repentina. Claustrofóbicos somos todos;

e ele

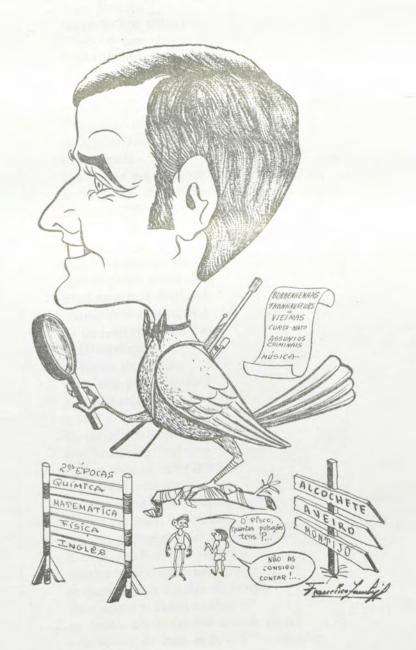
E' ele Louro, imberbe Apetece chamar-lhe criança Não para rimar com Lurdes Porque onde há inconstância Não há mulher,

há mulheres.

Controladas orações a Baco. Alimenta-se a «Shortcake» Enquanto não tiver bigodes. E's tu, pois és Otorrinolaringoestalatite...

Manuel da Silva Mendes

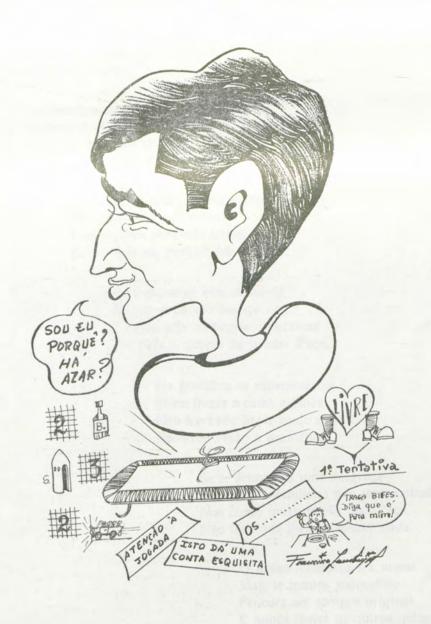
C. M. E. M.



«Em Órbita!... Aqui Pisco. Em Órbita!... Aqui Mendes. Ouvindo boa música!» Caia o pano. Faça-se um intervalo. E' altura de recordar resumir e brindar. Chegou o momento de saudar tudo e todos. O momento... Em que te esforças por não sorrir, embora haja sempre uma pontinha de orgulho de brio, - (sei lá de quê?) que deixas expressar no meio duma expressão alegre feita ao canto da boca. Um daqueles momentos, em linguagem vectorial, chamado retrospectivo! O tal intervalo para fazer Rectrospecção... O ponto de ligação com uma peça diferente a que chamam vida, e com a saudade de viajar aos domingos à noite nos barcos do Barreiro, correndo, (Quem sabe se contrariado?) morto por encontrar o convívio, a camaradagem, «mana catatua», ou outros, a quem pudesses dizer «brenhenhas». E neste momento de reflexão, iluminado por uma amizade pura, gravemos esses «quês» da rotina ditos sem um único castigo ou depois do tal futebol que se viveu, e da leitura da bola às 2. as, 5. as e sábados, porque são puras. Por elas ponho as mãos no lume!...

Olivério Martins Teixeira

C. G. C.



Surge outro dos finalistas Como sempre na vanguarda Tem S. Gonçalo de Amarante Por seu pitoresco guarda.

> Andando um dia o «Carrapato» Divertindo-se de jeep no Pilão Acabou por ser caçado E metido na separação.

> > Em assaltos clamorosos Levavas o «Chico» à falência E depois de olhos chorosos — «Oh! Mestre, tenha paciência!»

> > > Tentando ocupar o seu coração Relações tenta entabular Esse alguém pergunta quem ele é... E... «Sou eu, porquê, há azar?»

> > > > Para esquecer este incidente Atirou-se para o bagaço E como não conseguisse esquecer Foi para o quarto de janelas d'aço.

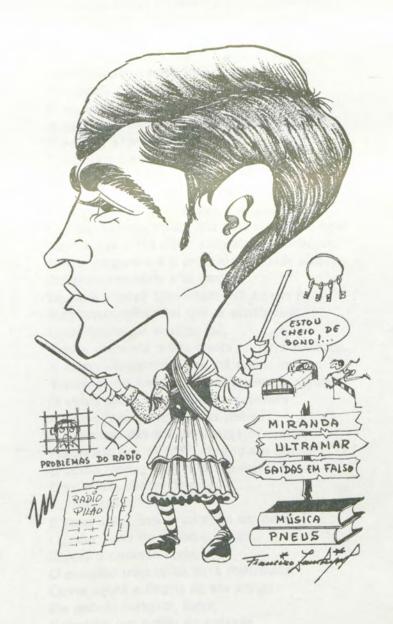
> > > > > Na ginástica se salientou Mãos livres e cama elástica Não havendo lugar onde se exibir Recorreu então à gramática.

> > > > > > Se te aconteceu uma desgraça Por em Contabilistas não teres entrada Mas como quem porfia mata caça Não tens que lhes agradecer nada.

> > > > > > > O nosso forte não é a moral Mas, te iremos aconselhar Procura ser sempre original E nunca tentes os outros imitar.

Ramiro Luís Domingues

C. M. C.

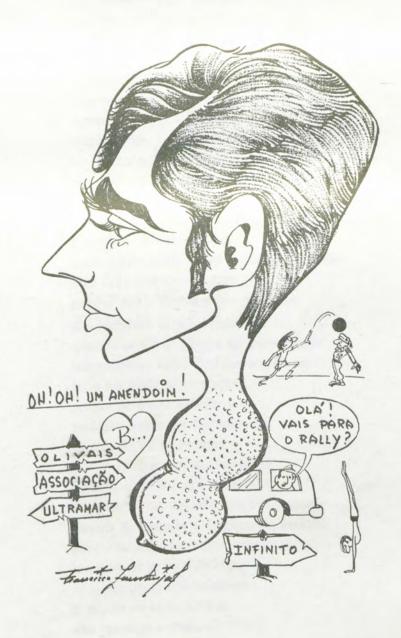


(DEDICATÓRIA)

Sopra o vento nas altas montanhas. Desesperadas, as árvores parecem querer fugir E as aves, vigilantes, protegem o seu ninho. E tu, grande amigo, estás impávido. Mas o vento sopra com redobrada intensidade. As folhas das árvores fustigam o teu rosto, Parecendo desafiar o teu olhar distante. E tu, amigo, continuas sereno. A tua calma ofende e desafia a Natureza. E começa a chover impiedosamente. Começas a sentir o corpo gelado Mas não sais de onde estás, calmo, Querendo proteger o terreno que cobres. Uma pedra rola pelo monte e magoa-te. Oscilas. Reparas, então, que uma cortina de água Impede que o teu olhar vislumbre o horizonte. Então, perguntas a ti próprio para onde olhavas. Ninguém responde e tu meditas De onde vieste? Que estavas ali a fazer? Perguntas pertinentes que te martirizam. Uma lágrima de saudade cai, Tentas descobrir a sua marca na terra molhada. A calma inconsciente que, há pouco era tua Tornou-se no mais puro sentimento da solidão. O vento continua a soprar nos montes A chuva lava a sugidez das pedras O balancear das árvores periga os ninhos Foi levado um menino; chegou um homem O ninho treme; uma avezinha cai E tu, então, choras de medo Corres, cambaleante, E secas a ave com o calor do teu bafo. Colocas a ave no ninho e segues. Segues o caminho certo, O caminho traçado na terra maltratada. Ouves agora a alegria de um amigo Ele pede-te coragem, força, E também um pouco de amizade E tu caminhas sempre Certo de que não o perdes E caminhas sempre, sempre...

Victor Manuel Monteiro Job

C. T. E.



Não precisas de adjectivos, teu desejo de imitação, teu viver protestando porque és tu que tens razão... é o suficiente para sabermos que tens um bom coração... De teus amores nem falar quero, nem da tua amorosa declaração: «Olha que carro tão giro, queres namorar comigo, ou não ?» Agora electrónico formado não discutas, o «puto» tem razão; no futebol muito treinaste mas nem assim foste campeão; e pela classe dos amestrados passaste deixando-te com grata recordação... a visita ao pátrio africano onde a uma dama gentil roubaste o coração, e de tudo o mais não digo porque assim manda a boa educação. Em literatura és dos primeiros quando de César Torres sai nova edição. tua máxima: «Oh! Oh! um amendoim!» foi a tua gloriosa revelação. se não pergunta ao «Bruxa». mas não entres em lacriminação. Gentes de várias índoles por ti nutrem especial satisfação. recordo o senhor dos «effs» e o peso por ti lançado com boa intenção... Depois do passado e do presente evocar, para o futuro não te faço vaticinação; caminha na prática do bem, terás sempre o trunfo na mão, E depois de teres partido não esqueças a malta do Pilão, Pois tens cá muitos amigos Sempre prontos a ajudar-te com satisfação.

Despedida

